

A REFLEXÃO NA FORMAÇÃO DO EDUCADOR MUSICAL: ENTRE A REVISÃO DE LITERATURA E A ESCRITA ENSAÍSTICA – UMA ABORDAGEM NA DISCIPLINA DE METODOLOGIA DO ENSINO DE MÚSICA NA CONSTRUÇÃO DE FUTUROS DOCENTES

CAROLINE CASTANHA DE AVILA DE LEMOS¹; FELIPE DA SILVA MARTINS²;

¹*Universidade Federal de Pelotas – caroline.castanha.lemos@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – felipedasmartins@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A reflexão sobre a prática docente pode ser entendida como um dos pilares da construção da identidade do profissional em educação (WILLE, 2013). Nesta direção, ao longo das aulas da disciplina de Metodologia do Ensino da Música I, foi possível refletir a partir de uma revisão de literatura da área, acerca das diferentes formas de ensino e aprendizagem musical.

A revisão de literatura constante se coloca como uma alternativa de aperfeiçoamento da prática docente, e durante o processo de formação inicial do educador, tal prática contribui para a ampliação da compreensão das possibilidades de atuação da área.

Acredito que, ao estabelecer contato com os textos disponibilizados para leitura, foi imprescindível a conexão de todos por meio das três diferentes formas de ensino: formal, não-formal e informal. Em todos os textos há a reflexão sobre as metodologias e formas de ensino, gerando, sempre, uma discussão que permeia o pensamento sobre: que forma de ensino está presente na prática em questão? Neste ensaio busco apresentar parte das reflexões construídas ao longo da disciplina e suas intersecções com minha prática musical.

2. METODOLOGIA

O processo de reflexão junto da revisão de literatura foi proporcionado a partir da leitura e discussão dos textos sob a forma de seminários, e, em seguida, da construção de um ensaio. A escrita se configura não como o lócus do produto acabado, mas sim como um estilo de linguagem que pode facilitar a abertura de exposição e pensamento, pois, “possibilita abordar diferentes assuntos sem a obrigação de se prender a nenhum deles, pois o ensaio permite experimentar os objetos sem a pretensão de nos dar a palavra ou o conceito final sobre determinado assunto” (PIAZZA, 2016, p. 456).

Em cada aula, um grupo de alunos apresentava um dos textos da revisão bibliográfica e o restante da sala debatia e contribuía com as discussões que o texto suscitava. Tal abordagem também se configura como um espaço prático dentro da disciplina de Metodologia do Ensino da Música, onde, a cada aula, tivemos a oportunidade de experenciar o lugar do educador que assume o papel de fomentar a discussão e permitir aos alunos a construção do conhecimento de forma compartilhada, acreditando que a, “[...] experiência desperta curiosidade, fortalece a iniciativa e da origem à desejo e propósitos suficientemente intensos para levar à pessoa, no futuro, a lugares além de seus limites [...]” (DEWEY, 2010, p.38).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sendo assim, destaco experiência vivida por mim durante a preparação para apresentação do texto “Ensino-aprendizagem musical no Circo Picolino” (AMOR, 2017). Quando li o texto, boa parte das minhas anotações pessoais versavam sobre a relação de ensino-aprendizagem presente naquele ambiente. Não longe disso, a reflexão estabelecida entre mim, e os colegas responsáveis por também apresentar este artigo, teve grande ênfase nesse tema. Da mesma forma, o

ensino formal, não-formal e informal foi o destaque, para mim, da interligação dos artigos disponibilizados para a disciplina.

Os dois primeiros textos apresentam conceitos para estas três formas de ensino. Em meu primeiro contato com estes conceitos, tive dificuldade de compreendê-los, e por isso este foi um dos temas que busquei uma reflexão mais efetiva a partir da leitura, também por perceber que é de suma importância ter estes conceitos claros em meu processo de formação docente.

Por fim, comprehendo a partir de Gonh (2006), que o Ensino Formal é aquele que está estabelecida dentro da escola, seguindo o padrão e a formalidade definida para este ambiente, e há ali intensões de aprender e ensinar. Já o Ensino Não-formal tem como característica ser estruturado e acontecer em espaços não formais, não existindo leis específicas que determinem como ele deve acontecer, e nele também há a intensão do aprender e do ensinar. Por fim, o Ensino Informal é não-intencional, é aquele onde há intensão de aprender, mas não a de ensinar, e, portanto, o conhecimento é adquirido de forma natural, seguindo o contexto social e cultural em que está inserido o indivíduo.

Em contato com os artigos, percebi que, por ter aprofundado minhas percepções no tema do “Circo Picolino” (Amor, 2017), comprehendi que as formas de ensino podem se misturar, e que os limites que as separam entre si são tênues, permitindo esta mescla. Por exemplo, através do texto de João Paulo de Oliveira e Cíntia Thaís Morato (2017) fui automaticamente levada a uma reflexão sobre minha formação musical no âmbito familiar, bem como a de meu irmão. Criados com o mesmo ambiente, fomos estimulados a cantar e tocar por meu pai e minha avó materna. Ela trouxe uma introdução através das canções de ninar, o que me fez querer cantar sempre. Meu pai, “arranhando” um pouco ao violão, tocava suas músicas preferidas e estava sempre com o rádio ligado, para ouvi-las. Hoje, minhas bandas favoritas são as mesmas do meu pai. Neste ponto, a partir das reflexões que os textos me trouxeram, percebo que, ainda que com os mesmos estímulos, eu e meu irmão escolhemos caminhos musicais e de ensino diferentes: eu, busquei o ensino não-formal, em que eu queria aprender e alguém queria me ensinar; já ele, adotou o ensino informal, com o qual aprendeu sozinho diversos instrumentos, sem orientação de meu pai ou outra pessoa.

Porém, estas escolhas foram tomadas sem que entendêssemos conceitualmente do que se tratava, diferente no que está posto por Harue Tanaka (2017), que conta sua trajetória para aprender gaita, para a qual escolheu adquirir os conhecimentos fora do ensino formal dos conservatórios. Para ela, o conhecimento obtido através do ensino formal para tocar gaita, não era livre o suficiente, e, portanto, não lhe permitiu aprender a tocar forró, que era seu objetivo.

Outra forma de aprender música é abordada por Simões (2017), que escolhe falar sobre princípios de aprendizagem informal em música e sua aplicação em contextos regulares de ensino, através da conceituação de Lucy Green. Neste contexto, o autor relata o ensino informal vivenciado por adolescentes, que, dando ênfase aos processos autônomos em música, onde os alunos foram estimulados à livre criação. Assim, o autor ressalta o foco nos processos de experimentação, autonomia, aprendizagem colaborativa, performance e criação musical.

O tema abordado no texto “Ensino-aprendizagem musical no Circo Picollino” (Amor, 2017) certamente foi o que mais me apropriei. Ao longo da leitura, percebi que há no circo uma dinâmica de aprendizagem onde, a cada nova possibilidade, todos os envolvidos aprendem, seja música, teatro, dança, ou as demais artes envolvidas no espetáculo. A forma de aprender e ensinar neste ambiente permeia os conceitos de educação não-formal e informal, uma vez que há oficinas e

atividades de ensino fora dos preceitos das leis e da estrutura formal da escola, e há situações em que os próprios envolvidos buscam o ensino, como é o exemplo do jovem que aprendeu a tocar cavaco sozinho, apenas procurando o conhecimento através do instrumento, sem professor ou tutor.

Essas diferentes maneiras de aprender são debatidas no texto, “Música(s) e seu ensino: reflexões sobre cenas do cotidiano” (Penna, 2015), onde a autora apresenta cinco situações diferentes de ensino-aprendizagem musical e, com base nelas, debate sobre os discursos formados socialmente acerca do “ensino sério” de música e do ensino informal da mesma. As cenas em questão geram reflexões importantes sobre o ensino de música, e levam o leitor a repensar seus conceitos sobre quem é ou não músico, como se deve ou não aprender música, e quais formas de ensino funcionam de forma efetiva ou não. Com as palavras de Penna, reforcei minha opinião sobre a informalidade na aprendizagem musical, percebendo que não, nós não podemos estar fechados às diferentes maneiras de aprender e ensinar, pois processos de ensino-aprendizagem são dinâmicos e constantes, evoluem diariamente, e agem sobre cada indivíduo de maneira singular, sendo impossível desprezar (ou menosprezar) maneiras de compartilhar conhecimento que estejam fora da “caixa dos conceitos” de cada um.

Seguindo de encontro às minhas reflexões individuais, o artigo de Viviane Beineke (2009) aborda a perspectiva da criança dentro da sala de aula, dando vez e voz aqueles que são o centro dos debates sobre o ensino-aprendizagem musical: os alunos. Em sua pesquisa, a autora aborda conceitos da aprendizagem criativa, em que os alunos são estimulados a criação e reflexões sobre o que criaram. Nestes casos, o momento das reflexões se faz de extrema importância para a turma envolvida, uma vez que, com sua bagagem musical em mente, os jovens deixam claro que suas criações/composições tem como objetivo conquistar e/ou impressionar os demais colegas, aja visto que é este é o conhecimento que eles têm sobre a música (neste caso, a música comercial). Respeitando os conhecimentos prévios dos alunos, a autora aborda também as críticas das crianças sobre seus próprios trabalhos, e me faz perceber que o ponto de vista dos alunos deve, cada vez mais, ser levado em consideração. É preciso também ouvir aqueles que estão no centro das atividades pedagógico-musicais. Este espaço permite que, além de dar artifícios para as reflexões do professor, o próprio aluno amplie suas concepções sobre música, gerando um ambiente em que a aprendizagem se torna mais significativa.

4. CONCLUSÕES

Ao encerrar as leituras desta disciplina, concluí que quanto mais buscamos saber, mais descobrimos que pouco sabemos; isto por que a busca pelo conhecimento desperta em nós discussões, inquietações e reflexões constantes, que transformam, de maneira dinâmica e rápida, os conceitos que criamos para cada coisa. Chegar ao final da jornada proposta pelo professor para esta cadeira, me fez perceber que, hoje, despida de muitos conceitos e pré-conceitos, tenho um novo ponto de partida e de chegada, que certamente não serão os mesmo daqui há algum tempo. Antes, com ideias fechadas sobre o que é ensinar e como isto deve ser feito, permiti vivenciar esta jornada de novas ideias e visões, que, agora, me levam a concluir uma rede de raciocínio que perpassou inúmeras vivências e reflexões. Agora, despida de conceitos prévios e revestida de ideias novas, posso dizer que o processo de ensino-aprendizagem tem suas vantagens e desvantagem ao escolhermos os caminhos formal, não-formal ou informal, mas que teremos processos efetivos quando dermos voz e vez àqueles que são o principal foco dos estudos, conceitos e pensamentos dos estudiosos da educação musical: os alunos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOR, J. D. **Ensino-aprendizagem no Circo Picolino.** Anais do XXIII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical. Manaus: ABEM. 2017. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/congresso2017/cna/aper/viewFile/2229/1354>. Acesso em 05 de abr de 2018.

BEINEKE, V. **Aprendizagem criativa em sala de aula:** a perspectiva das crianças na construção do campo. Anais do XVIII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical - ABEM 2009. Londrina: ABEM. 2009. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/Anais_abem_2009.pdf. Acesso em 05 de abr de 2018.

GOHN, M. D. G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio-avaliação e políticas públicas em educação**, Rio de Janeiro, 14, n. 50, 2006. 11-25.

OLIVEIRA, J. P. R.; MORATO, C. T. "**Entre pais e filhos**": aprendizagem musical dos filhos na relação com seus pais. Anais do XXIII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical. Manaus: ABEM. 05 abril 2017. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/xxiiicongresso/xxiiicongresso/pa/aper/viewFile/1220/544>. Acesso em 05 de abr de 2018.

PENNA, M. **Música(s) e seu ensino.** 2ª ed. rev e ampl. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PIAZZA, M. C. P. O ensaio como forma em Walter Benjamin: contribuições do gênero ensaístico para a educação. **Anais do SEFiM - Interdisciplinar de Música, Filosofia e Educação**, Porto Alegre, 3, 2017. 456-458. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/sefim/ojs/index.php/sm/article/view/214>. Acesso em 25 de agosto de 2018.

SIMÕES, A. C. **Autonomia em práticas informais de aprendizagem musical:** Um diálogo entre Paulo Freire e Lucy Green. Anais do XXIII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical - ABEM 2017. Manaus: ABEM. 2017. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/congresso2017/cna/aper/viewFile/2229/1354>. Acesso em 05 de abr de 2018.

TANAKA, H. **Considerações sobre a trajetória de uma pianista em uma experiência de aprendizagem musical como sanfoneira (acordeonista).** Anais do XXIII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical - ABEM 2017. Manaus: ABEM. 2017. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/congresso2017/cna/aper/viewFile/2514/1367>. Acesso em 05 de abr de 2018.

WILLE, Regiana Blank. **Docentes de música na educação básica: um estudo sobre identidades profissionais.** 2013. 227f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas.